

Taubaté, 15,7,1905

Rangel:

O bilhete postal_ um beliscão_ talvez me faça dar resposta á tua ultima e dizer o que penso do *Diario* e do autor_ coisa que ha 15 dias pretendo mas não consigo fazer. Digo “talvez”, porque talvez esta carta, fique a meio caminho. Conheces muito bem a doença periodica da grafobia que nos torna a pena odiosa e repulsiva. E estou adivinhando que durante essa demora, todos os dias, lá numa covanca de Minas, uma Vaidade de pernas ia esperar o correio, ansiosa, e a todas as malas mordida os labios com os dentes da decepção. “Devia ter vindo” (raciocinaria a tua Vaidade). É fatal que venham os deliciosos bombons com licor dentro. Mas por que tardam tanto? O pagamento antecipado já lá foi, sob forma de outros bombons marca “Elogio Mutuo”_ e o infame Lobato demora!

Meu caro: a explicação é que Ragueneau anda bilioso, cheio de pensamentos negroides, e não tem feito pasteis de medo de trocar os ingredientes, metendo pedregulhos em lugar de azeitonas, com possivel dano de algum dente incauto. Veja você que sabio é Ragueneau em deixar o forno apagado enquanto a bilis lhe amarela as ideias e o riso.

Ainda ontem enchi os ouvidos de uma das minhas namoradas com juras de arrebentar os miolos, e falei em revolver, faca e outras alavancas da indiferença feminina. Mas hoje, Rangel, minha intenção é molhar a pena em tinta côr de rosa_ mas antes disso quero prolongar esse ar de decepção que estou vendo em tua cara, e em vez dos esperados bombons terás de ouvir de pé firme uma historia de dormir em pé. É inutil pular estas linhas e ir procurar algum bombom no fim, porque hoje não vai nenhum_ estão a secar ao sol. Julgas por acaso que é coisa decente este torneio de elogio mutuo em que andamos? Pensas que já me esqueceu aquela tua carta que começa assim: “O teu estilo tem todos os fulgores...” Supões-me então ingenuo como um tal Godofredo Rangel que ouvia impavido uma *boutade* dum tal Ricardo Gonçalves, e manteve-a na boca como bala puxa-puxa, e anotou-a carinhosamente no *Diario* com que pretende escalar o morro da Gloria: “O teu estilo é o mais perfeito que ainda apareceu no Brasil?” Rangel, Rangel! Seja um bocadinho mais hipocrita e raspe aquilo. Que não dirá a Posteridade?

Estilos, estilos... Eu só conheço uma centena na literatura universal e entre nós só um, o do Machado. E, ademais, estilo é a ultima coisa que nasce num literato_ é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia propria, quando possui uma luneta só dele e para ele fabricada sob medida, quando já não é suscetivel da influenciação por mais ninguem, quando alcança a perfeita maturidade da inteligencia, então, sim, aparece o estilo. Como a côr, o sabor, e o perfume duma fruta só aparecem na plena maturação. Repare no Machado. Quando

lhe aparece a côr, o sabor, o perfume? No *Braz Cubas*, um livro quarentão. Que estilo tem ele em *Helena* ou *Yayá Garcia*? Uma bostinha de estilo igual ao nosso. Ao Eça só o encontramos já estilizado e inconfundível nos Ramirez. Antes de nos vir o estilo o que temos é *temperamento*. Ha na arte do desenho um exemplo claro disso na “estilização”, duma flor, suponhamos. A *flor natural* é o nosso temperamento; a *flor estilizada* é o nosso estilo. Enquanto esse temperamento não alcança o apogeu da caracterização, não pode haver estilo. O Eça nas *Prosas Barbaras* não tem estilo; usa e abusa barbaramente da “impropriedade” com o fim de irritar o Camilo Castelo Branco, o Bulhão Pato e os burgueses do Porto. Esse abuso da impropriedade, que á primeira vista parece ser a sua futura característica do estilo (tanto é alta a dose nas primeiras coisas), nos Ramirez aparece homeopatico e felicissimo, e da mesma sabia dosimetria de Machado de Assis.

Poderás, Rangel, com os elementos basicos que ha em você, ter um estilo, e certo que o terás_ mas ainda é cedo. Estás verdolengo. E o terás lindo, sobretudo se deres menos apreço ás lisonjas faceis dos amigos. Lembra-te que mutuamente já todos nos demos de genio lá no Cenaculo e no entanto bem pequena é a dose de simples talento de todos nós, reunidos e multiplicados uns pelos outros.

Proponho-te escrevermos com mais assiduidade no *Minarete*. Coisas leves, com dialogos_ o dialogo areja. Coisas que interessem aos leitores, coitados, sempre tontos com isto de escrevermos só para nós mesmos, sem a minima consideração para com eles, os sustentadores do jornal.

Os bombons ficam para outra.

LOBATO